

SUJEITO LACANIANO: GÊNERO, FEMININO E MULHERIDADES

Ellen Christine Gonçalves¹

¹ Ellen Christine Gonçalves é psicanalista lacaniana, pós-graduada em Psicanálise: Clínica com Crianças e Adolescentes pela PUC MINAS, fundadora e coordenadora da Hiância - Comunidade de Psicanálise Lacaniana.

E-mail: ellengoncalves.psicanalista@gmail.com

Resumo

Este artigo parte da experiência de coordenação da mesa "Sujeito Lacaniano: Gênero, Feminino e Mulheridades", realizada no I Congresso Paraibano de Psicanálise Lacaniana, e das questões surgidas nos trabalhos apresentados e na participação do público. A abertura da mesa situou o sujeito lacaniano a partir do sujeito do inconsciente, efeito da articulação significativa, e tomou o eixo temático como uma ocasião para interrogar as relações entre gênero, feminino e mulheridades. As duas apresentações que compuseram a mesa partiram de questões próprias a cada trabalho e fizeram comparecer, cada uma a seu modo, a relação do sujeito com os significantes que o constituem e com aquilo que, na experiência do feminino, permanece impossível de totalizar pela significação. O trabalho de Natalia Iara Alves Isepon, "A constituição do sujeito-mulher e os atravessamentos da cultura", trouxe os significantes históricos, sociais e culturais que atravessam a constituição do sujeito-mulher e os lugares que lhe são destinados no campo social, articulando o ensino de Lacan às contribuições de Silvia Federici, Geni Núñez e bell hooks para abordar os atravessamentos do capitalismo, da colonialidade, da raça, do gênero, do corpo e do trabalho. A partir de sua apresentação, a questão que dirigi à autora interrogou como o sujeito comparece articulado pelos significantes culturais e históricos que o nomeiam. O trabalho de Heloísa da Costa Cabral Marinho e Silva e Maria Eduarda Magalhães Correia de Araújo Motta, "O feminino como não-todo e a violência extrema: uma leitura psicanalítica do laço social contemporâneo", tomou as fórmulas da sexuação e a lógica do não-todo para pensar o feminino e determinadas formas de violência no laço social. Às autoras, interessou interrogar o que a psicanálise permite ler sobre o modo como o sujeito se posiciona diante daquilo que, no laço social, não encontra uma resposta universal. A leitura aqui apresentada parte do ensino de Jacques Lacan e retoma, em sua elaboração, as contribuições de Michele Roman Faria e Alfredo Eidelsztein, a partir das formulações suscitadas pelos trabalhos e pela discussão da mesa. Entre as perguntas do público, uma delas, relativa à possibilidade de um homem psicanalista escutar uma

paciente mulher, levou a discussão para a clínica e para a posição do analista diante da fala de uma mulher. Essa pergunta alcança a formação do analista, pois a leitura analítica se sustenta no trabalho com os significantes que comparecem na fala do paciente, bem como com aqueles que constituem a própria posição do analista na transferência. A questão da formação do analista se articula, assim, à leitura do texto que o paciente produz em sua fala, colocando em primeiro plano o trabalho do analista com os significantes que comparecem na transferência.

Palavras-chave: psicanálise lacaniana; sujeito; gênero; feminino; sexuação; mulheridades.

A abertura da mesa retomou o sujeito lacaniano como sujeito do inconsciente, em sua relação com a linguagem e com a articulação significante. A partir daí, as apresentações que se desenrolaram produziram uma interrogação que atravessou todo o encontro: de que modo os significantes que constituem um sujeito podem comparecer na fala quando se trata de gênero, feminino e mulheridades? De um lado, uma questão sobre a história e a cultura que nomeiam a mulher. De outro, uma questão sobre a posição lógica do feminino e seus efeitos violentos no laço social.

Natalia Iara Alves Isepon abriu a discussão trazendo os atravessamentos da cultura na constituição do sujeito-mulher. Sua apresentação percorreu significantes históricos, sociais e culturais associados às mulheres, articulando Federici, Geni Núñez e bell hooks ao ensino de Lacan. Maternidade, sexualidade, trabalho, corpo e reconhecimento social apareceram ali como campos de operação significante, marcados por suas historicidades. O que Natalia produzia na fala era um mapeamento de nomes, de lugares, de expectativas que chegam do Outro e deixam suas marcas sobre o sujeito-mulher.

Ao final daquela apresentação, uma questão se impôs com clareza para mim enquanto coordenadora. Se esses significantes históricos, culturais, vêm do campo do Outro e antecedem o sujeito, como cada sujeito é inscrito nessa trama? O que a clínica pode ler sobre o modo como o sujeito se inscreve nessas nomeações, ou encontra nelas uma questão? Dirigi essa pergunta a Natalia porque ela abria uma questão: os significantes chegam do Outro, mas cada sujeito se inscreve nessa cadeia de modos que a clínica pode ler.

A formulação que Alfredo Eidelsztein oferece permite esclarecer o que eu estava localizando na apresentação de Natalia. O sujeito se constitui no campo do Outro, onde

os significantes já estão presentes antes que possa dizer algo sobre si. História e cultura participam desse campo e oferecem nomes, lugares, expectativas. Quando esses significantes aparecem na fala de um sujeito, inauguram uma operação na qual a clínica trabalha.

Um significante como "mulher" carrega uma história social, cultural e política que antecede aquele que o pronuncia. Mas na fala de uma analisanda, ele pode comparecer articulado de modos diversos: com "mãe", "esposa", "desejável", "forte", "frágil" ou a outros significantes que assumem valor na trama na qual se inscreve. Nessa inscrição, o analista lê a incidência do desejo.

Então percebo que Michele Roman Faria abre outra questão quando retoma "o que é uma mulher?". A pergunta comparece na clínica de modos diferentes: como uma questão sobre um nome, um lugar, uma identificação, o corpo. Mas o feminino encontra no ensino de Lacan uma formalização própria, no campo da sexualização. Natalia trouxe os significantes que nomeiam "mulher" no campo social. A questão que se desdobra é: como o feminino, enquanto posição lógica, incide na estrutura do laço social?

É nessa direção que Heloísa da Costa Cabral Marinho e Silva e Maria Eduarda Magalhães Correia de Araújo Motta trabalham a segunda apresentação, interrogando como o feminino, aquilo que não se totaliza pela função fálica, comparece e produz efeitos no laço social.

O que percebi ao ouvir aquela apresentação era um desdobramento de planos. A questão se desdobrava para além dos nomes que a cultura dá à mulher, atingindo o impossível de inscrição, o real que irrompe quando o feminino se coloca como alteridade que fura a totalidade. Heloísa e Maria Eduarda trabalharam diante disso: em determinados casos, esse encontro com o feminino como não-todo, como aquilo que não encontra resposta universal, pode produzir angústia extrema e respostas violentas, frequentemente sob a forma de passagem ao ato.

A apresentação retomou o percurso que vai de Freud a Lacan para situar o feminino como uma questão para a psicanálise. A partir das formulações de Lacan, as autoras trabalham o feminino como posição lógica situada no campo do não-todo, em relação à função fálica. A transformação das normas de gênero também aparece no trabalho por meio de Judith Butler, relacionada às formas de reconhecimento e aos efeitos subjetivos produzidos pelas mudanças nas coordenadas sociais.

A angústia ocupa lugar importante nessa construção. As autoras articulam o encontro com o real a respostas que, em determinadas configurações, podem assumir a forma de violência extrema. A passagem ao ato é tomada como ruptura com a cena simbólica e como uma resposta ao que persiste fora do tratamento significante. A violência pode aparecer, nessa leitura, como tentativa de eliminar o objeto que encarna a angústia, restaurar uma ordem simbólica ameaçada ou recusar o feminino enquanto alteridade que fura a totalidade fálica.

Essa construção se articula aos fenômenos sociais de feminicídio e violência de gênero. O trabalho chama atenção para o fato de que mulheres negras constituem a maioria das vítimas, fazendo aparecer a articulação entre gênero e raça. A referência à necropolítica de Achille Mbembe é utilizada para pensar a distribuição desigual da exposição de determinados corpos à violência e à morte. O corpo da mulher negra aparece, assim, marcado por processos históricos de objetificação e desumanização.

As autoras recorrem ainda a Žižek para pensar a violência como tentativa de reinscrição de uma ordem simbólica em colapso e a Rita Segato para formular o feminicídio, em determinados casos, como tentativa de eliminar o enigma encarnado pelo feminino. Melanie Klein aparece na discussão da inveja, da persecutoriedade e da destrutividade, contribuindo para pensar situações em que a alteridade pode ser vivida como fonte de angústia e mobilizar respostas violentas.

Naquele ponto, uma questão comparecia. Heloísa e Maria Eduarda haviam trazido uma formulação rigorosa sobre o feminino e a violência. Mas me interessava escutar como elas localizavam o sujeito ali dentro. Dirigi-lhes, então, uma pergunta que tentava manter aberta a tensão: "Quando vocês articulam o feminino como não-todo à violência extrema, o que a psicanálise permite escutar sobre o modo como o sujeito se posiciona diante daquilo que, no laço social, não encontra uma resposta universal?"

A pergunta operava na dimensão clínica. O feminino estava em questão, o não-todo estruturalmente, a violência extrema como incidência. Mas como o sujeito comparece inscrito nesse impasse? Como ele se posiciona diante do que não encontra resposta universal? A pergunta mantinha aberta a trama de posicionamentos diante do impasse, sem totalizá-la nem pela teoria do não-todo nem pela violência como resposta necessária. O trabalho conclui sua elaboração situando a violência extrema contra a posição feminina, em determinados casos, como operação do sujeito frente ao encontro com o feminino e

com a alteridade, articulando essa incidência ao impasse do gozo. A psicanálise aparece relacionada à possibilidade de uma leitura diante desse impasse, enquanto a violência extrema é tomada também como índice de impasses contemporâneos no laço social.

A leitura de Michele Roman Faria contribui para situar as formulações sobre o feminino no movimento do ensino de Lacan. As fórmulas da sexuação formalizam posições do ser falante em relação à função fálica. De um lado, a lógica do todo articula-se à exceção; de outro, o não-todo escreve uma posição que não se totaliza na função fálica. Essa formalização apresenta-se principalmente no Seminário 20, condensando questões que atravessam todo o ensino lacaniano.

A posição feminina, nessa formulação, pertence ao campo da sexuação. Indiferente à categoria social, ela inscreve a posição do ser falante em sua relação com a função fálica e pode ser ocupada por homens e mulheres. A categoria social mulher e os significantes históricos que a nomeiam pertencem a outra ordem de questões. A articulação entre essas questões marca a discussão da mesa na medida em que uma mulher comparece à análise trazendo os significantes que a situam no campo social e, ao mesmo tempo, articula questões de sua posição sexuada.

O não-todo articula-se ainda ao gozo suplementar. Lacan situa, no lado feminino das fórmulas da sexuação, uma modalidade de gozo distinta do gozo fálico. É nesse campo que se inscreve a afirmação "A Mulher não existe", indicando a impossibilidade de um universal capaz de dizer o que seria A Mulher. Há mulheres, uma a uma, e a posição do ser falante se escreve na relação com a função fálica.

Alfredo Eidelsztein contribui para a leitura dessa construção a partir de uma abordagem estrutural do ensino de Lacan. A formalização encontrada em *Mais, ainda* pode ser lida na continuidade das questões que atravessam o ensino lacaniano, considerando a constituição do sujeito na linguagem e a articulação significante. Essa referência permite sustentar a leitura do sujeito sem fazer coincidir os significantes históricos que o nomeiam com uma posição sexuada.

A aproximação entre os trabalhos colocou em relação duas dimensões que atravessaram a mesa. Natalia trouxe os significantes históricos que constituem a “mulher”. Heloísa e Maria Eduarda trouxeram o feminino como posição lógica, impossível de totalizar, e seus efeitos no laço social. Nas duas apresentações, comparecia uma questão estrutural: a posição do sujeito diante daquilo que o antecede e das coordenadas em que se constitui.

Ao final das apresentações, uma pergunta do público deslocou a discussão para a clínica: como um homem psicanalista consegue escutar uma paciente mulher? Não recordo sua formulação literal, mas esse era o sentido da pergunta. Ela introduziu a questão do sexo do analista e da posição que ele ocupa diante da fala de uma paciente mulher, conduzindo a discussão para a formação do analista.

A clínica lacaniana permite recolocar essa pergunta a partir do trabalho com a fala. Trabalha-se com o texto que o paciente produz em sua fala. O analista lê os significantes que ali aparecem, suas articulações e os efeitos que se produzem na transferência. Essa leitura se sustenta na posição analítica e no trabalho realizado com os significantes que comparecem no discurso do paciente.

Uma mulher em análise pode trazer em sua fala significantes relativos ao corpo, à maternidade, à sexualidade, às relações, à violência e aos lugares que lhe foram atribuídos no campo social. Esses significantes carregam uma história e adquirem valor singular na cadeia em que comparecem. A questão clínica se dirige às articulações produzidas na fala e aos efeitos que delas se produzem na transferência.

A pergunta do público recolocava, assim, a relação entre o sexo do analista e a posição analítica. O fato de o analista ser homem ou mulher comparece na situação analítica, enquanto a posição do analista se sustenta no lugar que ocupa na transferência. A formação do analista passa pela análise pessoal e pela supervisão, em um percurso que coloca em trabalho sua relação com o saber, com o desejo e com a própria posição analítica.

A pergunta sobre o homem analista diante de uma mulher em análise conduzia, portanto, à questão da formação. O trabalho do analista encontra na fala do paciente os significantes que ali comparecem e as articulações que se produzem entre eles. A posição analítica requer que o analista sustente esse trabalho a partir do lugar que ocupa na transferência, mantendo aberta a cadeia discursiva do analisando.

Essa questão retomava algo que atravessava as apresentações: como os significantes que chegam do campo do Outro participam da constituição do sujeito e como essa relação pode ser lida na fala? Uma mulher pode chegar à análise com nomes, lugares e expectativas provenientes do campo social. Pode falar a partir dessas marcas, produzindo articulações singulares na cadeia significante.

É nessa fala que o sujeito pode ser localizado. O significante “mulher” pode comparecer articulado a “mãe”, “esposa”, “desejável”, “forte”, “frágil”, “culpada”, “vítima” ou a tantos outros significantes que adquirem valor na trama em que o sujeito se constitui. A leitura analítica acompanha essas articulações, suas repetições e deslocamentos, considerando os efeitos que se produzem na fala e na transferência.

O desejo comparece nessa trama em sua relação com a falta e com o Outro. Sua articulação na cadeia significante pode ser lida na fala, nos deslocamentos entre significantes, nas formações do inconsciente e nos efeitos produzidos na transferência. A história dos significantes que chegam do Outro e o modo como se articulam na cadeia podem ser acompanhados a partir de seu comparecimento na fala.

A coordenação da mesa permitiu acompanhar a passagem entre essas dimensões. Natalia trouxe os significantes históricos e culturais que nomeiam a mulher. Heloísa e Maria Eduarda trouxeram o feminino como posição impossível de totalizar. A pergunta do público levou essa discussão à posição do analista e à formação necessária para sustentar o trabalho clínico com a fala.

A coordenação da mesa do eixo “Sujeito Lacaniano: Gênero, Feminino e Mulheridades” fez comparecer, assim, uma questão para a formação e para a clínica: como a leitura dos significantes articulados pelo paciente em sua fala se sustenta a partir da posição do analista na transferência? A formação do analista se articula à análise pessoal e à supervisão, colocando em trabalho a posição diante do saber e do desejo do analista. A práxis lacaniana encontra na fala do sujeito a matéria significante a ser lida, mantendo aberta a hiância própria ao sujeito do inconsciente.

Os debates da mesa permitiram retomar a distinção entre os significantes históricos e culturais que antecedem o sujeito e a posição sexuada formalizada nas fórmulas da sexuação. Natalia trouxe os primeiros, em sua incidência sobre a constituição do sujeito-mulher e sobre os lugares que lhe são destinados no campo social. Heloísa e Maria Eduarda introduziram a dimensão do feminino como posição lógica, formalizada no ensino de Lacan pela lógica do não-todo. Entre essas dimensões permanece a questão do sujeito em sua relação com os significantes que o constituem, tal como essa relação pode ser lida na fala. A mesa tornou possível retomar essa articulação a partir das perguntas produzidas no encontro e recolocá-la no campo da formação e da práxis do analista.

Referências

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

EIDELSZTEIN, Alfredo. A origem do sujeito em psicanálise. São Paulo: Toro Editora, 2020.

FARIA, Michele Roman. O que é uma mulher? Respostas clínicas ao problema do feminino. Psychê, São Paulo, v. 8, n. 13, p. 101-108, 2004.

FEDERICI, Silvia. Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais. São Paulo: Boitempo, 2019.

HOOKS, bell. E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024.

ISEPON, Natalia Iara Alves. A constituição do sujeito-mulher e os atravessamentos da cultura. In: Anais do I Congresso Paraibano de Psicanálise Lacaniana. João Pessoa, 2024.

KLEIN, Melanie. Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

MARINHO, Heloísa da Costa Cabral; MOTTA, Maria Eduarda Magalhães Correia de Araújo. O feminino como não-todo e a violência extrema: uma leitura psicanalítica do laço social contemporâneo. In: Anais do I Congresso Paraibano de Psicanálise Lacaniana. João Pessoa, 2024.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NÚÑEZ, Geni. Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Planeta Brasil, 2023.

SEGATO, Rita Laura. A guerra contra as mulheres. São Paulo: Boitempo, 2021.

ŽIŽEK, Slavoj. Violência: seis reflexões laterais. São Paulo: Boitempo, 2014.